

Dança

29, 30 Setembro 2010

The White Body

O CORPO BRANCO de Ea Sola. A partir do 'Discurso da Servidão Voluntária' (1548) de Étienne de La Boétie. Para três bailarinos e um recitante

Espectáculo promovido pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceito, coreografia e direcção Ea Sola

Música Nguyen Xuan Son

Recitante Hoang Cong Dang

Bailarinos Luong Xuan Thanh, Ngo Thanh Phuong e Pham Chi Cuong

Coordenação de produção e luz Carlos Perez

Direcção de cena Cyril Le Brozec

Co-produção Théâtre de la Ville, Paris, Hong Kong Arts Festival, Holland Festival, Auckland Festival, Grand Theatre Groningen, Companhia Ea Sola

Estreado em Fevereiro de 2009 no Hong Kong Arts Festival.

A versão apresentada em Lisboa sofreu alterações relativamente à que foi estreada, em particular no uso do texto, que aqui é muito reduzido.

Qua 29, Qui 30 de Setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h20 · M12

Gostaria apenas que me ajudassem a compreender como é possível que tantos homens, tantas cidades, tantas nações, suportem por vezes tudo de um tirano que só tem o poder que lhe é dado... Étienne de La Boétie

The White Body - motivação

Com a criação de *The White Body*, quis dar seguimento a um trabalho de reflexão que me foi proporcionado pelo *Discurso da Servidão Voluntária*, de La Boétie, transpondo a ideia de tirania para o contexto dos nossos dias – o consumismo, as indústrias do lazer...

Queria pesquisar as perspectivas que *The White Body* podia apresentar ao público, e iluminar uma evidência que ressalta do tema: a «modernidade da vida na cidade», através de uma juventude sem escolhas.

Esta evidência fez-me sentir um silêncio impregnado de incertezas.

A doçura? O sentimento?

Na estreia de *The White Body*, havia dois recitantes que diziam o *Discurso da Servidão Voluntária*. Agora, neste silêncio, restam o corpo e a paisagem. E a beleza, se o olhar se espriar sobre eles.

A Modernidade

A natureza do homem é verdadeiramente ser livre e desejar sê-lo, contudo o seu carácter é tal que ele segue instintivamente as tendências que a sua educação lhe dita. Étienne de La Boétie

Atravessando países confucionistas convertidos à economia global, pensei em La Boétie, que tinha lançado as sementes da modernidade – não tinha visto

em nenhum outro lugar um pensamento seguido colectivamente até este ponto.

Este francês, este europeu, este *Corpo Branco* que propôs a desobediência, a recusa, o não fazer, inventando a ideia da *não-violência* para fugir à servidão voluntária, que pensou a liberdade que há em cada pessoa.

Na minha estadia vi um indivíduo, exausto todo o ano, desprotegido, sem lazer, trabalhando sem parar. Este corpo de trabalho que, apesar de tudo, parece feliz ao caminhar pela cidade brilhantemente iluminada. A seu lado, uma criança que satisfaz os seus desejos com roupas novas e pompas e que parece também feliz. Este corpo destro, qual grito encurralado, que vê no divertimento um sentido de vida, a quem pertence? Quem o empurra, quem o conduz? Sob que domínio existe?

E, no entanto, não precisamos de combater este tirano por si só, nem mesmo de nos defendermos dele; ele derrota-se a si próprio, se não aceitarmos nenhuma forma de servidão, se não lhe dermos nada. Étienne de La Boétie

Onde está o corpo, está o universo

Na era das indústrias, do consumismo e do lazer, da superprodução, quando dizemos, com as palavras do filósofo... a servidão voluntária... obtemos algum eco?

O palco. Uma dança.

O corpo destro, a pessoa jovem, em movimentos e poses, com a sua reflexão.

Um ambiente calmo, um mundo de doçura e abandono que este olhar fatigado reclama.

Um homem e as palavras da modernidade.

Onde está o corpo, está o universo.

O universo começa numa espécie de cabine temporária, de tenda de campismo de Pólo Sul ou Sahara, de plástico transparente, precário, móvel, moldável. Aí, as palavras de um homem, vindas de tão longe, são desafiadas pelo corpo dançante.

Para haver um escravo, é preciso que alguém deseje dominar e que alguém aceite servir [...]. Étienne de La Boétie

«Será isso viver?»

A ideia principal da análise de La Boétie é que a tirania não tem senão o poder que as suas vítimas lhe concedem. Como ouvir hoje, como interpretar, quinhentos anos depois, as palavras do filósofo?

Na era do mercado mundializado, do universo mercantil, terá o tirano outro rosto?

Ou não terá rosto? Um sistema doce, suave, insidioso, que espalha açúcar, que induz ao consumo, a que cedemos, ébrios desta necessidade de *ter*.

E a pessoa desaparece.

No seu lugar deixa um consumidor, afogado na massa de consumidores.

Anónimo entre anónimos.

«Será isso viver?»

«Querem servir para acumular bens: como se pudessem ganhar algo que fosse seu, não sendo donos de si próprios... querem poder dizer que são possuidores de bens.»

Ea Sola



© Cie. Ea Sola

«... Apoiando-se no *Discurso da Servidão Voluntária*, de Étienne de La Boétie (1548), persuadida de que é demasiado tarde “para se ser pessimista”, (Ea Sola) questiona: “A modernidade desenvolveu um sistema de pensamento e de liberdade que construiu a democracia; durante quinhentos anos construímos a modernidade, mas já não pensamos sobre ela; ora, trata-se de um sistema que precisa de ser constantemente repensado. A questão do civismo, por exemplo, é um alicerce importante. E, quando falo de civismo, tenho que pôr-me a questão do crime. Quando estamos em paz, é um dever colocarmos-nos esta questão, trabalhando sobre nós próprios.” Ela é inesgotável sobre este tema, deslocando-o do político para o económico e repetindo que “o

país é das pessoas e não dos dirigentes. A república não é a monarquia. É esse o sentido e, se esse sentido desaparece, para mim é a loucura”.

...

Onde quer que esteja, olha para a França, a Europa e os seus pensadores-constructores, repetindo as palavras de um dos textos maiores da filosofia política, escrito em 1548 por um jovem de apenas 18 anos, estudante de direito. “Mas não são melhores aqueles que hoje, antes de cometerem os seus crimes, mesmo os mais revoltantes, os fazem sempre preceder de alguns belos discursos sobre o bem geral, a ordem pública e o alívio dos desafortunados”...»

Marie-Christine Vernay, *Libération*, 11 de Junho de 2009



© Cie. Ea Sola

Ea Sola

Autodidacta, foi o acaso que a trouxe para a dança contemporânea. Francesa e vietnamita, Ea Sola cresceu no Vietname do Sul e em 1970 partiu para França. Em Paris estudou teatro clássico e, no início dos anos 1980, criou uma série de *happenings* em espaços alternativos sobre a memória do corpo: *États de Corps*. Como coreógrafa, entre 1982 e 1992, criou: *Memoring*, *Bouquet de corps*, *À l'ombre du souffle*, *L'herbe en hiver*, *Il pleut sur les têtes*, *Les saisons cachées*, *Abattoir*, *Cité voisin*, *Montagne froide*. Em 1991 e 1992, colaborou com Min Tanaka, como intérprete da sua peça *Le sacre du printemps*, e com Roland Topor como bailarina-coreógrafa no seu espectáculo *Ubu Roi*.

Em 1990 regressa ao Vietname e empreende um trabalho de reflexão sobre a memória da guerra. Recebe bolsas Leonardo da Vinci e Villa Medecis hors les Murs para pesquisar as danças e músicas tradicionais vietnamitas. Dos seus cinco anos de pesquisa resultam as criações: *Sécheresse et Pluie* (1995, apresentado na Culturgest em Novembro do mesmo ano), *Il a été une fois* (1997), *La rizière des musiques* (1998), *Voilà Voilà* (1999) e *Requiem* (2000).

Em 2001 interrompe o seu trabalho teatral, mas em 2005 regressa ao tema da memória da guerra e cria *Sécheresse et Pluie Vol. 2* com os bailarinos do Ballet da Ópera de Hanói.

Na sequência de um trabalho sobre o tema da *Escolha e Responsabilidade* com estudantes de universidades americanas, em 2008, dirige um ciclo de reflexão sobre *a pessoa e a nação* e cria

o solo *Air Lines* – que estreou no Festival *Instances 6* (Chalon-sur-Saône, França) em Novembro desse ano.

Em Fevereiro de 2009, estreia *The White Body*, a partir do *Discurso da Servidão Voluntária*, do filósofo Étienne de La Boétie, no Hong Kong Arts Festival.

Está actualmente a trabalhar numa nova criação para 2012, *Face to Face*, sobre a reconciliação da memória pessoal com a natureza.

Nguyen Xuan Son

Diplomado pela Escola de música tradicional de Hanói, Nguyen Xuan Son foi percussionista no Teatro Nacional Cheo de Hanoi (1989-1994). De 1994 a 2002, foi assistente musical de Ea Sola e percussionista nas suas criações. Escreveu peças para percussão e instrumentos de corda:

Exit, *Études 1 pour percussions*, *Dans la nuit*, *Un visage1*. Compôs a música do filme *Bride of silence*, e criou instalações de vídeo-arte: *Alone*, *Truong Chi*, *Visage2* (2000-2004).

Compôs a música das peças de Ea Sola *Sécheresse et Pluie Vol.2* (2005), *Air Lines* (2008) e *The White Body* (2009).

Os intérpretes

Recitante

Hoang Cong Dang vive no Vietname, é francófono e professor reformado.

Bailarinos

Luong Xuan Thanh, Ngo Thanh Phuong e Pham Chi Cuong são bailarinos e vivem no Vietname. Trabalharam pela primeira vez num processo de criação em *The White Body*.



© Cie. Ea Sola

As Soon as Possible

Vincent Courtois,
Sylvie Courvoisier, Ellery Eskelin
Programador: Manuel Jorge Veloso



Jazz Qui 7 Outubro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Violoncelo Vincent Courtois **Piano** Sylvie Courvoisier **Saxofones** Ellery Eskelin

O simples enunciado de três nomes em plano de igualdade e pela ordem alfabética diz já muito, porventura, da música que esta noite irá ouvir-se num dos derradeiros concertos da temporada de jazz deste ano, de produção exclusiva Culturgest. Entretanto, neste caso particular, mais do que jazz em concreto é de música improvisada que deve em primeiro lugar falar-se, o que não contrariando a habitual asserção de que o jazz é, também ele, música que parte do improviso, coloca apesar de tudo em plano mais destacado a expressão improvisada, como sendo aquela que melhor qualificará a música que ouviremos.

Poderemos estar perante música totalmente criada no momento de tocar e que, como tal, se vai formando como um todo, a partir de um aleatório organizado, pelo contributo simultâneo ou sucessivo dos vários músicos

em presença; é também possível que parte substancial da música tocada no momento, embora não vertida em partitura, esteja pré-estabelecida ou pré-determinada na mente dos vários componentes do trio, bastando a sinalética quase imperceptível, até mesmo só a respiração, para que se desencadeiem os necessários entendimentos no sentido de que os vários discursos individuais, aparentemente dispersos, formem um corpo internamente coerente, embora moldado à medida que os músicos vão sendo ao mesmo tempo emissores e receptores; também haverá, muito provavelmente, composições previamente escritas, na sua quase totalidade ou em grandes passagens da sua exposição, ficando depois à iniciativa de cada um a justa medida em que a liberdade individual se exercerá mesmo dentro das baias relativas que a composição prévia determina.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
